ALFABETIZAÇÃO: UM DEBATE NECESSÁRIO SOBRE IDADE, DESENVOLVIMENTO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA ORTOGRÁFICA

NOEMIA DIAS DOS SANTOS

RESUMO
O presente artigo objetiva discutir a complexidade da alfabetização, abordando o processo de aquisição da leitura e da escrita, a influência da idade em seu desenvolvimento e a relevância da ortografia, desmistificando a noção de uma "idade certa" e enfatizando a interdependência de fatores cognitivos, sociais e culturais. A metodologia baseia-se na revisão bibliográfica das contribuições de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Magda Soares, Lev Vygotsky, Artur Gomes de Morais e Delia Lerner, buscando compreender como diferentes perspectivas teóricas impactam as práticas pedagógicas. Analisa-se a psicogênese da língua escrita, que revela a criança como sujeito ativo na construção do conhecimento em fases de conceitualização (pré-silábica à alfabética), deslocando o foco da idade cronológica para o nível de desenvolvimento individual. Em seguida, distingue-se a alfabetização (domínio do sistema de escrita) do letramento (uso social da leitura e escrita), defendendo sua ocorrência indissociável em um ambiente rico em práticas textuais. Explora-se a dimensão social da aprendizagem segundo Vygotsky, com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que sublinha o papel crucial da mediação social para o avanço das funções psicológicas superiores, incluindo a linguagem escrita. Complementarmente, são discutidas a consciência fonológica, habilidade metacognitiva fundamental para a compreensão do princípio alfabético e a aquisição da ortografia, e a construção da ortografia no contexto de situações reais de uso da linguagem escrita, integrando-a ao letramento. As considerações finais reiteram que a "idade certa" para a alfabetização não é um marco rígido, mas sim a confluência de um desenvolvimento cognitivo ativo, de imersão em práticas sociais significativas e de uma mediação pedagógica qualificada, propondo reflexões para práticas flexíveis e eficazes que promovam um letramento pleno.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Leitura; Escrita; Idade; Ortografia.

ABSTRACT: This article aims to discuss the complexity of literacy, addressing the process of reading and writing acquisition, the influence of age on its development, and the relevance of orthography, demystifying the notion of a "right age" and emphasizing the interdependence of cognitive, social, and cultural factors. The methodology is based on a bibliographic review of the contributions of Emilia Ferreiro and Ana Teberosky, Magda Soares, Lev Vygotsky, Artur Gomes de Morais, and Delia Lerner, seeking to understand how different theoretical perspectives impact pedagogical practices. It analyzes the psychogenesis of written language, which reveals the child as an active subject in the construction of knowledge through conceptualization phases (pre-syllabic to alphabetic), shifting the focus from chronological age to the level of individual development. Subsequently, literacy (mastery of the writing system) is distinguished from literacies (social use of reading and writing), advocating for their inseparable occurrence in an environment rich in textual practices. The social dimension of learning according to Vygotsky is explored, with the concept of the Zone of Proximal Development (ZPD), which highlights the crucial role of social mediation for the advancement of higher psychological functions, including written language. Additionally, phonological awareness, a fundamental metacognitive skill for understanding the alphabetic principle and acquiring orthography, is discussed, as is the construction of orthography in the context of real written language use situations, integrating it into literacy. The final considerations reiterate that the "right age" for literacy is not a rigid milestone, but rather the confluence of active cognitive development, immersion in meaningful social practices, and qualified pedagogical mediation, proposing reflec-

tions for flexible and effective practices that promote full literacy.
KEY-WORDS: Literacy; Reading; Writing; Age; Orthography.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização, processo fundamental para a inserção plena do indivíduo na sociedade, tem sido historicamente objeto de intensos debates e pesquisas. Uma das questões mais recorrentes e desafiadoras, tanto para educadores quanto para pais, reside na determinação da 'idade certa' para que a criança adquira as habilidades de leitura e escrita ortográfica. Essa discussão se torna ainda mais complexa ao considerarmos as diversas perspectivas teóricas e as particularidades do desenvolvimento infantil, que muitas vezes divergem sobre a melhor abordagem e o momento ideal para iniciar o ensino formal.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivos:

- Analisar as principais teorias sobre a aquisição da leitura e da escrita, com foco nas contribuições de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Magda Soares, Lev Vygotsky, Artur Gomes de Morais e Delia Lerner.
- Discutir a noção de 'idade certa' para a alfabetização, considerando aspectos cognitivos, sociais e culturais que permeiam esse processo.
- Refletir sobre a importância da ortografia no processo de alfabetização e como ela se integra às demais dimensões do letramento.
- Propor reflexões para práticas pedagógicas mais eficazes, que estejam alinhadas às necessidades de desenvolvimento de cada criança.

A relevância de aprofundar este debate reside na constante busca por métodos e abordagens que garantam o sucesso da alfabetização em um contexto educacional que exige resultados e adaptações às especificidades de cada estudante. Compreender as nuances do desenvolvimento da leitura e da escrita, à luz de referenciais teóricos consolidados, é crucial para subsidiar a tomada de decisões pedagógicas e para o desenvolvimento de políticas educacionais mais eficazes e inclusivas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 As Concepções de Alfabetização: Ferreiro, Teberosky e Soares

2.1.1 A Psicogênese da Língua Escrita (Emilia Ferreiro e Ana Teberosky)

O processo de alfabetização, compreendido como a aquisição da leitura e da escrita, ganhou novas perspectivas a partir dos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, especialmente com a publicação de sua obra seminal Psicogênese da Língua Escrita. As autoras revolucionaram a maneira de entender como as crianças constroem o conhecimento sobre o sistema alfabético, deslocando o foco de uma visão meramente mecânica para um processo ativo e construtivo por parte do aprendiz.

Ferreiro e Teberosky, por meio de suas pesquisas, demonstraram que a criança, antes mesmo de receber instrução formal, elabora hipóteses sobre o funcionamento da escrita. Esse percurso é marcado por diferentes níveis de conceitualização, que não se dão de forma linear, mas sim como um processo de sucessivas reorganizações. As principais fases identificadas são:

- Pré-silábica: Nesse estágio inicial, a criança não estabelece correspondência entre a fala e a escrita. Ela pode usar desenhos, grafismos variados ou letras aleatórias, sem controle de quantidade ou ordem, para representar o que quer escrever. A escrita é vista mais como um desenho ou uma forma de representação global.
- Silábica: A criança começa a perceber que a escrita representa a fala e que cada parte da fala (sílaba) pode ser representada por um grafismo. Ela pode usar uma letra para cada sílaba, sem se preocupar se a letra corresponde foneticamente ao som da sílaba. Por exemplo, para escrever 'gato', pode usar 'A O'.
- Silábico-alfabética: Este é um período de transição, onde a criança começa a combinar a lógica silábica com a alfabética. Ela pode representar algumas sílabas com uma única letra e outras com mais de uma, aproximando-se da correspondência sonora convencional. Para 'gato', poderia escrever 'GAO' ou 'GATO' (com erros ortográficos).
- Alfabética: A criança compreende o princípio do sistema alfabético, estabelecendo a correspondência entre fonemas (sons)

e grafemas (letras). Embora já consiga escrever, ainda pode apresentar dificuldades

com a ortografia convencional, que será adquirida progressivamente por meio do contato com a escrita e a intervenção pedagógica.

Essas descobertas trazem implicações profundas para a compreensão da 'idade certa' para a alfabetização. Longe de ser um marco cronológico fixo, a aquisição da leitura e da escrita é compreendida como um percurso de desenvolvimento cognitivo complexo e individual. Ferreiro e Teberosky argumentam que o que importa não é a idade da criança, mas sim o nível de conceitualização em que ela se encontra e como o ambiente escolar e familiar a estimulam a avançar em suas hipóteses sobre a escrita. Dessa forma, a alfabetização é vista como um processo ativo de construção do conhecimento, e não como mera memorização de letras e sílabas.

2.1.2 Alfabetização e Letramento (Magda Soares)

Complementando as discussões sobre a aquisição da escrita, a educadora Magda Soares oferece uma perspectiva fundamental para o campo da alfabetização no Brasil, especialmente ao distinguir os conceitos de alfabetização e letramento. Soares argumenta que, embora interligados, não são sinônimos e exigem abordagens pedagógicas distintas, mas complementares. Para Soares, a alfabetização refere-se ao processo de aquisição do sistema de escrita alfabético e ortográfico, ou seja, à capacidade de codificar (escrever) e decodificar (ler) palavras. Envolve o domínio das relações entre letras e sons, a correspondência grafema-fonema, e a compreensão das regras ortográficas. Em suma, é a aprendizagem da tecnologia da escrita.

Já o letramento é um conceito mais amplo, que abrange o uso social da leitura e da escrita. Significa a capacidade de participar de práticas sociais que envolvem a língua escrita, de compreender e produzir textos em diferentes contextos e com diversas finalidades. Uma pessoa letrada é aquela que não apenas sabe ler e escrever, mas que faz uso competente dessas habilidades em sua vida cotidiana, compreendendo o que lê e produzindo textos eficazes em variadas situações. Nesse sentido, a grande contribuição de Magda Soares é a defesa de que a alfabetização deve ocorrer indissociavelmente do letramento. Para ela, não basta que a criança decodifique palavras; é essencial que ela compreenda a função social da escrita desde o início do processo. A imersão em um ambiente letrado, com diferentes gêneros textuais e propósitos de leitura e escrita, permite à criança construir significados e perceber a relevância do que está aprendendo. Dessa forma, a 'idade certa' para a alfabetização, sob a ótica de Soares, é aquela em que a criança está inserida em um ambiente rico em práticas de leitura e escrita, que a convide a interagir com o mundo letrado e a desenvolver, simultaneamente, o domínio do sistema de escrita e suas múltiplas funcionalidades.

2.2 A Dimensão Social da Aprendizagem: Lev Vygotsky

Além das perspectivas que focam na construção individual do conhecimento ou na funcionalidade social da escrita, a obra de Lev Vygotsky oferece um olhar fundamental sobre a dimensão social da aprendizagem, que é intrínseca ao processo de alfabetização. Sua teoria sociocultural ressalta o papel crucial da interação e da cultura no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, incluindo a linguagem e, consequentemente, a leitura e a escrita.

Para Vygotsky, o desenvolvimento humano ocorre por meio da interação do indivíduo com o ambiente social e cultural. A linguagem, em particular, é vista como o principal instrumento de mediação entre o sujeito e o mundo, essencial para a formação do pensamento e para o desenvolvimento das funções mentais mais complexas. Nesse sentido, a alfabetização não é apenas um processo de decodificação de símbolos, mas um ato cultural e socialmente situado, que se constrói nas interações da criança com pessoas mais experientes e com os instrumentos culturais disponíveis.

É nesse contexto que Vygotsky introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A ZDP é a distância entre o nível de desenvolvimento real da criança – aquilo que ela consegue fazer sozinha – e o nível de

desenvolvimento potencial – aquilo que ela é capaz de fazer com a ajuda de um adulto ou de um colega mais experiente. No que tange à alfabetização, a ZDP implica que o professor ou o mediador desempenha um papel ativo e crucial, oferecendo os desafios e os suportes necessários para que a criança avance em suas hipóteses sobre a escrita e a leitura, internalizando novos conhecimentos e habilidades que, isoladamente, ainda não seria capaz de adquirir. A intervenção pedagógica eficaz, portanto, não deve se restringir ao que a criança já domina, mas sim atuar naquilo que ela está prestes a aprender.

Ao enfatizar a natureza social da aprendizagem e o potencial de desenvolvimento mediado, Vygotsky em A Formação Social da Mente oferece uma perspectiva que relativiza a noção de 'idade certa' para a alfabetização como um marco puramente cronológico. Para ele, o que realmente importa é a qualidade das interações e das oportunidades de mediação que a criança recebe em seu ambiente. Assim, a 'idade' ideal para a criança aprender a ler e escrever ortograficamente seria aquela em que há um contexto socialmente rico e intervenções pedagógicas apropriadas, capazes de impulsionar a criança em sua ZDP, independentemente de sua idade biológica exata.

2.3 Consciência Fonológica e Ortografia: Artur Gomes de Morais e Delia Lerner

Além dos aspectos psicogenéticos e socioculturais, a compreensão dos mecanismos de aquisição da leitura e da escrita passa, inegavelmente, pela análise da consciência fonológica e do tratamento da ortografia. Artur Gomes de Morais e Delia Lerner, cada um a seu modo, oferecem contribuições essenciais para entender como essas dimensões se integram ao processo de alfabetização. Artur Gomes de Morais, em sua obra Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização, destaca a consciência fonológica como uma habilidade metacognitiva fundamental para o aprendizado da leitura e da escrita. Ele define consciência fonológica como a capacidade de refletir e manipular as unidades sonoras da língua, como sílabas, rimas, aliterações e, principalmente, os fonemas (os menores sons que distinguem as palavras). Não se trata de uma capacidade inata, mas de uma habilidade que pode e deve ser desenvolvida por meio de atividades específicas e lúdicas, desde a educação infantil.

O desenvolvimento da consciência fonológica é crucial porque facilita a compreensão do princípio alfabético – a ideia de que letras representam sons. Crianças com boa consciência fonológica conseguem segmentar as palavras em sons e associá-los às letras correspondentes, o que torna o processo de decodificação e codificação muito mais eficiente. Isso impacta diretamente a aquisição da ortografia, pois a percepção clara dos sons da fala auxilia na representação correta desses sons na escrita. Morais argumenta que atividades envolvendo jogos com rimas, identificação de sílabas, distinção de sons iniciais e finais, e manipulação de fonemas preparam o terreno cognitivo da criança, independentemente da idade, para uma alfabetização mais consistente.

Complementando a discussão sobre a escrita e a ortografia, Delia Lerner, em sua obra Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário, oferece uma perspectiva sobre a leitura e a escrita como práticas sociais complexas que devem ser promovidas pela escola. Lerner defende que a aprendizagem da escrita, incluindo a ortografia, não pode ser reduzida a um conjunto de regras a serem memorizadas isoladamente. Em vez disso, a ortografia deve ser construída pela criança no contexto de situações reais de uso da linguagem escrita.

Para Lerner, a escola deve oferecer um ambiente onde a escrita tenha sentido e função, propiciando que os alunos se deparem com os desafios ortográficos em situações autênticas de produção e interpretação de textos. O necessário é fazer da escola uma comunidade de escritores que produzem seus próprios textos para mostrar suas ideias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam, ou devem conhecer, para incitar seus leitores a empreender ações que consideram valiosas, para convencê-los da validade dos pontos de vistas ou das propostas que tentam promover para protestar ou reclamar, para compartilhar com os demais uma bela frase ou um bom escrito, para intrigar ou fazer rir...

O necessário é fazer da escola um âmbito

onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir.

A reflexão sobre a ortografia ocorre quando a criança, ao escrever, se depara com a necessidade de representar fonemas que podem ter diferentes grafias, ou quando lê e percebe a padronização das convenções ortográficas. Assim, a 'idade certa' para a criança saber escrever ortograficamente não é um momento predeterminado, mas sim um processo contínuo de aprendizagem que se dá na interação com a cultura escrita e na resolução de problemas reais de escrita, com a mediação do professor. A abordagem de Lerner integra a ortografia ao processo de letramento, enfatizando que ela é uma ferramenta para a comunicação eficaz e não um fim em si mesma.

2.4 Síntese e Diálogo entre os Autores: A Alfabetização para Além da Idade Cronológica

Ao longo deste desenvolvimento, exploramos as contribuições de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Magda Soares, Lev Vygotsky, Artur Gomes de Morais e Delia Lerner, cujas obras, embora com enfoques distintos, convergem para uma compreensão mais complexa e multifacetada da alfabetização. A análise conjunta dessas perspectivas permite-nos inferir que a aquisição da leitura e da escrita, incluindo o domínio ortográfico, transcende a mera cronologia etária, configurando-se como um processo contínuo e interdependente de fatores cognitivos, sociais e culturais.

Ferreiro e Teberosky em Psicogênese da Língua Escrita revelam que a criança é um sujeito ativo que constrói seu conhecimento sobre a escrita por meio de hipóteses sucessivas, o que desmistifica a ideia de uma "idade ideal" única para iniciar o processo, priorizando o respeito às fases de desenvolvimento individual. Complementarmente, Magda Soares em Alfabetização e Letramento amplia essa visão ao integrar a alfabetização ao letramento, defendendo que o fundamental é a imersão da criança em um universo onde a escrita tenha sentido e função social desde o princípio. Assim, não se trata de quando a criança está "pronta", mas de como e com que propósito ela é exposta à linguagem escrita. A dimensão social, tão enfatizada por Lev Vygotsky em A Formação Social da Mente, sublinha que a aprendizagem, incluindo a alfabetização, é mediada pelas interações humanas e pelos instrumentos culturais. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) vygotskiana sugere que o avanço da criança depende da qualidade da mediação oferecida pelo adulto ou por pares mais experientes, o que novamente relativiza a idade e destaca a importância de um ambiente pedagógico estimulante.

Por fim, Artur Gomes de Morais em Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização e Delia Lerner em Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário enriquecem o debate ao abordar as habilidades específicas e a contextualização do ensino. Morais ressalta a relevância da consciência fonológica como precursora da alfabetização, indicando que o desenvolvimento dessas habilidades pode ser estimulado precocemente. Lerner, por sua vez, argumenta que a ortografia é adquirida de forma significativa

quando integrada a práticas reais de leitura e escrita, e não como um conjunto isolado de regras.

Desse modo, a 'idade certa' para a criança saber ler e escrever ortograficamente emerge, a partir do diálogo entre esses autores, como um constructo que se afasta de marcos etários rígidos. Em vez disso, é a confluência de um desenvolvimento cognitivo ativo (Ferreiro e Teberosky), de uma imersão em práticas sociais significativas de escrita (Soares e Lerner), e de uma mediação pedagógica qualificada que atue na Zona de Desenvolvimento Proximal da criança (Vygotsky e Morais) que determinará a efetividade do processo. As práticas pedagógicas, portanto, devem ser flexíveis, respeitando o ritmo de cada aluno e oferecendo múltiplas oportunidades para que a criança construa seu conhecimento sobre a língua escrita de maneira contextualizada e prazerosa, sem forçar etapas ou desconsiderar o processo

construtivo intrínseco à alfabetização.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta análise sobre a alfabetização, com foco nas complexidades que envolvem a 'idade certa' para a aquisição da leitura e escrita ortográfica, revisitamos os objetivos propostos inicialmente. Buscamos analisar as contribuições de renomados autores como Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Magda Soares, Lev Vygotsky, Artur Gomes de Morais e Delia Lerner, e discutir como suas perspectivas teóricas iluminam a compreensão desse processo fundamental.

As reflexões desenvolvidas ao longo do artigo permitem concluir que a alfabetização não pode ser reduzida a um marco etário rígido ou a um método único e universal. Pelo contrário, emerge como um processo complexo, dinâmico e multifacetado, influenciado por uma intrínseca interação entre fatores cognitivos inerentes à criança (como demonstrado pela psicogênese da língua escrita), fatores sociais e culturais que permeiam as práticas de letramento (conforme as contribuições de Soares e Vygotsky), e o desenvolvimento de habilidades específicas como a consciência fonológica (enfatizada por Morais) em ambientes que promovam a reflexão sobre a escrita em contextos reais (abordagem de Lerner).

A questão da 'idade certa' para a criança saber ler e escrever ortograficamente, portanto, é redefinida. Não se trata de um ponto fixo no tempo, mas de um conjunto de condições propícias que permitem à criança avançar em suas hipóteses e construir o sistema de escrita de forma significativa. Isso implica que a intervenção pedagógica deve ser flexível, sensível às diferentes fases de desenvolvimento de cada aluno e capaz de oferecer a mediação necessária para que o conhecimento seja construído e consolidado. A ortografia, por sua vez, deve ser vista como parte integrante desse processo construtivo, aprendida no uso e na reflexão sobre a linguagem escrita, e não como um conjunto isolado de regras.

Diante dessas considerações, é crucial que educadores e formuladores de políticas educacionais compreendam a alfabetização em sua totalidade, evitando simplificações e reconhecendo a diversidade de percursos de aprendizagem. Investir em formações continuadas que abordem essas diferentes perspectivas teóricas e em práticas pedagógicas inovadoras que promovam ambientes letrados e significativos, desde a educação infantil, é essencial para garantir que cada criança desenvolva plenamente suas capacidades de leitura e escrita, tornando-se um cidadão verdadeiramente letrado.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, Reimpressão 2007

LERNER, Delia. Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAIS, Artur Gomes de. Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998 .